

O Papel das Mulheres no Processo de Organização de uma Festa Religiosa no Assentamento Jatobá em Cáceres-MT

The Role of Women in The Organization Process of a Religious Festival in the Jatobá Settlement in Cáceres-MT

Jussara Cebalho¹

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira²

RESUMO:

O objetivo deste artigo é identificar o papel das mulheres no planejamento das celebrações religiosas e práticas tradicionais realizadas no assentamento Jatobá em Cáceres-MT. No caso estudado, a festa foi organizada para arrecadar fundos para a ampliação da igreja do Assentamento Jatobá. Homens e mulheres dos assentamentos vizinhos, como Corixo e Sapicuá, também participaram tanto do planejamento quanto do consumo durante o evento, auxiliando na arrecadação de fundos. O estudo qualitativo foi realizado por meio de entrevistas e pesquisa bibliográfica. Observou-se que, embora as mulheres estivessem presentes o tempo todo e a principal organizadora fosse uma mulher, os homens ainda mantinham um papel de protagonismo na festa religiosa. Contudo, ficou claro que, sem a dedicação e o esforço dessas mulheres, a festa não teria acontecido, reafirmando a importância de reconhecer e valorizar suas contribuições. O envolvimento das mulheres em diversas áreas da festa não apenas assegura o sucesso das celebrações, mas também fortalece os laços comunitários e promove um ambiente solidário e colaborativo.

Palavras-chave: Mulheres. Assentamentos Rurais. Festa Religiosa.

ABSTRACT:

The objective of this article is to identify the role of women in planning religious celebrations and traditional practices held at the Jatobá settlement in Cáceres-MT. In the case studied, the festival was organized to raise funds for the expansion of the church at the Jatobá Settlement. Men and women from neighboring settlements, such as Corixo and Sapicuá, also participated in both the planning and consumption during the event, helping to raise funds. The qualitative study was conducted through interviews and bibliographic research. It was observed that, although women were present the entire time and the main organizer was a woman, men still held a prominent role in the religious festival. However, it was clear that without the dedication and effort of these

¹ Mestre em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Cáceres-MT.

² Doutora e professora dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e em Educação Intercultural Indígena da UNEMAT e coordenadora da Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas .



women, the festival would not have happened, reaffirming the importance of recognizing and valuing their contributions. The involvement of women in various areas of the festival not only ensures the success of the celebrations but also strengthens community bonds and promotes a collaborative and supportive environment.

Keywords: Women. Rural Settlements. Religious Festival.

Introdução

O presente artigo discute a relação da pesquisa intitulada “O papel das mulheres no território dos assentamentos rurais Corixo, Jatobá e Sapicuá” com a disciplina de Dinâmica Espacial e Culturas Regionais, cursada durante o Mestrado em Geografia na Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres-MT. Considerando que a pesquisa está relacionada aos assentamentos rurais e ao papel das mulheres, faremos uma breve abordagem sobre Reforma Agrária, Assentamentos Rurais, Gênero e Festas Religiosas.

Partimos do pressuposto de que a concentração de terras e a improdutividade no Brasil têm suas raízes no início da invasão portuguesa no ano de 1500 e são responsáveis pela desigualdade social que persiste até os dias atuais. O espaço agrário é visto como um espaço de construção humana que se reproduz de acordo com os interesses dos agentes dominadores. Como resultado, a maioria das terras é mantida por um pequeno número de pessoas. Nessa circunstância, Oliveira (2007), diz que por isso, o proprietário de terra atua como um agente do capitalismo. Ao adquirir grandes extensões de terra, ele as mantém como reserva de valor, com a intenção de especular e lucrar com a renda gerada pela terra. Esse é o comportamento típico dos grandes capitalistas, que se transformaram em colonizadores e vendedores da terra como mercadoria.

É perceptível que o Brasil é um país com grande concentração de terra e onde estão os maiores latifúndios; por isso, a luta pela terra no Brasil é histórica. Nessa perspectiva, os assentamentos rurais são os lugares materiais onde há a concretização da luta pela terra dos trabalhadores e trabalhadoras rurais no Brasil.

Dessa forma, o processo de mobilização que dá origem aos assentamentos acaba por trazer à tona, não só a questão da terra, mas uma série de outras questões que poderiam levar a uma agenda abrangente que englobe diversos temas, como as maneiras próprias de vivência, da passagem da condição de sem-terra para assentados, traçando continuidade e rupturas em relação ao seu passado. Fernandes (2008), nos fala que quando ocupam terras ou acampam nas margens das rodovias, os sem-terra tornam-se visíveis publicamente, criando um espaço de socialização

política, intervindo na realidade e construindo um ambiente de lutas e resistência. Ao conquistar a terra e formar assentamentos, eles transformam esses espaços em territórios, recriando o trabalho familiar e perpetuando a luta pela terra através da organização de novos grupos familiares.

Nesse contexto, a luta para conquistar a terra ou a resistência para permanecer nela é travada pelos camponeses em diversos conflitos que possuem diferentes estratégias de atuação. De acordo com Buttimer (1985b), lugar é a soma das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas.” Portanto, é inegável que, ao serem assentadas, as famílias trazem consigo a sua cultura. Assim, é importante considerar que a produção cultural nos assentamentos rurais pode ser uma estratégia para fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade com o local.

As práticas culturais são vistas como verdadeiras interações sociais que fortalecem os vínculos entre o grupo, para a permanência no território. Como corrobora Tuan (1980, p. 78), “(...) porque os povoadores percebem seu novo meio ambiente através da cor das lentes de sua experiência anterior”. Trata-se, portanto, das referências afetivas que carregamos ao longo da vida, com um lugar e com o outro.

Essas práticas acontecem com frequência, pois regularmente são realizadas festas de cunho religioso, como quermesses. Do mesmo modo, são realizadas rezas em louvor a diversas santidades. Esta prática ainda é observada frequentemente, uma vez que as atividades na igreja são papéis das mulheres. Assim,

Não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia (SAFFIOTI, 1992, p. 210).

Dessa forma, busca-se desenvolver pesquisas que abordem a temática de gênero, reconhecendo que homens e mulheres ocupam posições distintas na sociedade. Dentro de um sistema hierárquico ainda prevalente, os papéis e funções sociais são frequentemente definidos pelo gênero. Nesse contexto, a questão central deste estudo é: qual é o papel da mulher na organização da festa religiosa?

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo identificar o papel da mulher no processo de organização dos festejos religiosos, bem como as práticas tradicionais desenvolvidas nos territórios dos assentamentos rurais. A área de estudo abrange os assentamentos rurais Corixo, Jatobá e Sapicuá, situados aproximadamente 80 km da sede municipal de Cáceres/MT e cerca de

20 km de San Matias/Bolívia. Esses assentamentos estão localizados na faixa de fronteira entre o Estado de Mato Grosso e a Bolívia.

No caso estudado, a festa aconteceu para arrecadar fundos para ampliar a igreja do assentamento Jatobá, mas pessoas dos demais assentamentos próximos participaram tanto na organização quanto no consumo, para ajudar na arrecadação de fundos. Dessa maneira, além da sociabilidade, há também solidariedade em torno da festa.

Metodologia da pesquisa

A abordagem utilizada neste estudo foi qualitativa. Conforme Gonsalves (2001, p. 68), “a pesquisa qualitativa é uma abordagem voltada para a compreensão e a interpretação dos fenômenos, considerando o significado que os indivíduos atribuem às suas práticas”. Esse tipo de abordagem permite uma análise aprofundada e detalhada das experiências e percepções dos participantes, o que é essencial para entender contextos sociais complexos.

Para a realização do estudo, empregamos uma metodologia qualitativa que envolveu várias etapas. Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica abrangente para fundamentar teoricamente o trabalho. Essa etapa incluiu a revisão de literatura sobre Reforma Agrária, Assentamentos Rurais, Gênero e Festas Religiosas, proporcionando uma base sólida para a compreensão do contexto dos assentamentos e o papel das mulheres neles.

Além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Segundo Trivinos (1997), esse formato de entrevista inicia-se com um conjunto de perguntas principais, fundamentadas em teorias e hipóteses pertinentes à pesquisa. Contudo, ele também oferece flexibilidade para a inserção de novas questões e a exploração de temas adicionais, conforme surgem novas informações durante o diálogo com o entrevistado.

Dessa forma, três mulheres assentadas, foram selecionadas com base em critérios específicos relacionados aos objetivos do estudo. Foram escolhidas mulheres envolvidas diretamente no planejamento e na organização da festa religiosa, a seleção foi feita para garantir uma representatividade adequada das diferentes funções e perspectivas dentro do processo de organização da festa. As participantes foram selecionadas através de contatos diretos e recomendações das comunidades envolvidas.

A coleta de dados, através de entrevista, teve como objetivo compreender a importância daquele momento específico da festa e o papel das mulheres na organização e execução do evento.

As perguntas abordaram temas como a motivação para a participação, as responsabilidades assumidas, as dificuldades enfrentadas e a percepção das entrevistadas sobre a contribuição da festa para a comunidade do assentamento.

Os dados coletados foram analisados qualitativamente utilizando a técnica de análise de conteúdo. As entrevistas foram transcritas e codificadas para identificar temas e padrões recorrentes relacionados ao papel das mulheres na organização da festa. De acordo com Minayo (2009, p. 84) “(...) através da análise de conteúdo, podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado”. Dessa forma, essa técnica de análise permite explorar em profundidade as experiências das mulheres entrevistadas, bem como compreender o impacto cultural e social das festas religiosas nos assentamentos rurais.

Em suma, a metodologia utilizada no estudo combinou pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas, proporcionando uma abordagem multifacetada para entender o papel das mulheres na organização de festas religiosas nos assentamentos rurais de Corixo, Jatobá e Sapicuá.

Mato Grosso: Reforma Agrária e Gênero

A concentração fundiária no Estado de Mato Grosso é uma realidade marcante, caracterizada pela presença de latifúndios e atividades monocultoras, dominadas por uma elite agrária. Isso tem contribuído para o aumento dos conflitos pela posse da terra, à medida que os trabalhadores reivindicam acesso a ela. Segundo Medeiros (2008), os assentamentos rurais surgem como resultado desses conflitos e das pressões exercidas pelas organizações de trabalhadores, buscando garantir o direito ao uso pleno da terra.

Nesse contexto, a Reforma Agrária surge com o objetivo de resolver o problema da concentração de terras. Conforme Oliveira (2007), essa iniciativa coloca o camponês diante da necessidade histórica de se transformar em um produtor independente dentro do contexto da reforma agrária. Assim, a conquista da terra no Brasil e em Mato Grosso se concretiza por meio dos assentamentos rurais, resultado da luta contínua dos trabalhadores.

Ao analisar as lutas pela terra e pela manutenção dos territórios após o assentamento, é crucial considerar o recorte de gênero e a divisão sexual do trabalho. Segundo Biroli (2018, p. 28), "a literatura especializada destaca a divisão sexual do trabalho como a base da opressão das

mulheres". Essa divisão cria estruturas de organização social que são apresentadas como naturais ou necessárias, perpetuando assim sua reprodução.

Bianco *et al.* (2022), nos falam que as mulheres eram moldadas como mães, esposas e cuidadoras, incumbidas de garantir o funcionamento adequado do lar. Elas eram responsáveis por manter um ambiente acolhedor e organizado, assegurando que seus filhos e maridos estivessem bem alimentados, bem-vestidos e felizes.

Essa perspectiva pode ser vista como uma continuidade de normas históricas que colocam as mulheres em funções domésticas e, muitas vezes, minimizam ou ignoram outras contribuições das mulheres, como sua participação em esferas públicas e profissionais.

Souza e Gonçalves (2022), ainda destacam que além dos aspectos biológicos, a diferenciação entre os sexos está relacionada às expectativas sociais sobre o comportamento dos indivíduos. Em outras palavras, as normas sociais definem como homens e mulheres devem agir, e essas expectativas influenciam a percepção e a determinação do sexo ao qual pertencem.

Dessa forma, a sociedade espera que o ideal de uma mulher que garante um ambiente acolhedor e organizado, com ênfase em alimentar e vestir bem os membros da família, pode também reforçar estereótipos de gênero que limitam a visão do potencial feminino para além das responsabilidades domésticas.

Essas reflexões destacam a importância para uma compreensão mais completa dos assentamentos rurais, pois ressaltam a necessidade de analisar não apenas os aspectos econômicos e políticos, mas também as dinâmicas sociais e de gênero que moldam essas comunidades.

Compreendemos que a sociedade contemporânea continua a reproduzir a divisão sexual do trabalho. Apesar da significativa presença das mulheres no mercado de trabalho, a questão de gênero ainda as coloca em desvantagem em relação aos homens. Segundo Scott (1989, p. 35), sobre o conceito de gênero,

O termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens.

A autora menciona que o termo "gênero" também é usado para descrever as relações sociais entre os sexos. Dessa forma, gênero se torna um meio de indicar construções sociais e ideias sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade. É uma forma de referir-se exclusivamente às origens sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres.

Conforme Biroli (2018, p. 26), "a posição de desvantagem das mulheres se atualiza nos novos padrões de organização do trabalho no capitalismo". Assim, o papel feminino frequentemente ocupa uma posição secundária e subordinada em relação ao homem. Na sociedade patriarcal e capitalista, a luta das mulheres pela terra muitas vezes é invisibilizada, já que os homens nascem validados enquanto as mulheres têm que lutar para conquistar seu espaço.

Butler (2003, p. 19) afirma que "a construção política do sujeito está vinculada a certos objetivos de legitimação e exclusão".

Portanto, o percurso das mulheres é marcado pela luta por uma posição justa de igualdade social, política e econômica em relação aos homens. Biroli (2018, p. 23) reforça esse ponto ao dizer que,

De fato, na conformação conjunta do capitalismo e do patriarcado em seus padrões atuais, as mulheres são posicionadas como um grupo onerado pelo cotidiano de trabalho prestado gratuitamente, direcionado a ocupações específicas, menos remunerado que os homens que desempenham as mesmas atividades e sub-representado na política.

Por outro lado, Santos e Garcia (2015) dizem que no território agrário, as mulheres estão assumindo cada vez mais o papel principal em suas próprias trajetórias. Enfatizar a participação das mulheres nos espaços agrários, particularmente nos assentamentos rurais, destaca seu papel não apenas no avanço da agricultura brasileira, mas também na edificação de uma sociedade mais equitativa.

Segundo Scott (1992, p. 77), "a maior parte da história das mulheres tem buscado, de alguma forma, incluí-las como objeto de estudo e sujeitas da história". Assim, compreende-se que pensar na mulher como protagonista de sua própria história é evidenciar sua importância na luta social e superar as desigualdades de gênero. Manter relações de poder sobre as mulheres é atender aos interesses da elite latifundiária e representar um retrocesso na luta da classe trabalhadora.

O território dos assentamentos Corixo, Jatobá e Sapicuá

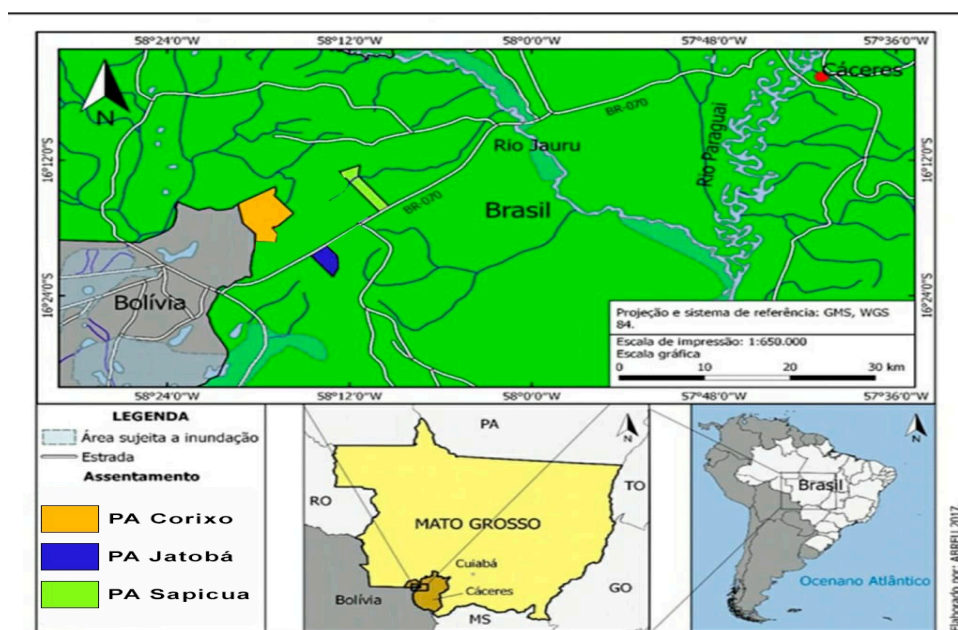
Os assentamentos Corixo, Jatobá e Sapicuá estão localizados no município de Cáceres-MT, a aproximadamente 80 km da sede municipal e a 20 km da cidade de San Matia/Bolívia. São assentamentos situados na faixa de fronteira entre o Estado de Mato Grosso e a Bolívia.

Tradicionalmente, o latifúndio predominou na cidade de Cáceres, como exemplificado pelas fazendas Descalvados, Facão, Jacobina, Ressaca e Barranco Vermelho, cujos casarões ou

ruínas ainda pontuam a paisagem rural cacerense, rememorando seu passado colonial de concentração de terras e escravização negra. Contudo, as estratégias de luta e resistência em Cáceres também têm uma história rica, e atualmente esse movimento ganha força com diversos grupos que foram desterritorializados e agora buscam a reterritorialização, como é o caso dos assentamentos rurais.

Ao longo da BR 070, encontram-se sete assentamentos que foram estabelecidos através de desapropriações de latifúndios pelo INCRA, resultado da luta dos camponeses. Neste estudo, focaremos em três desses assentamentos: Jatobá, Corixo e Sapicuá, como pode ser observado na Figura 01.

FIGURA 01 LOCALIZAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS



FONTE: ADAPTADO DA EMPAER, 2018.

Segundo pesquisa realizada pelo INCRA em 2017, o assentamento Jatobá foi o primeiro a ser criado, no ano de 1997, seguido pelo Sapicuá em 1999 e pelo Corixo em 2001. A mesma fonte indica que o assentamento Jatobá possui 27 famílias assentadas, o Sapicuá 39 famílias e o Corixo 73 famílias.

Na dissertação de Martins (2018), que aborda os assentamentos de fronteira em Cáceres-MT, destaca-se que um grande contingente de famílias é originário da região de Mato Grosso e de outras partes do país, como Nordeste, Amazônia e Centro-Sul. Tuan (1974) define "lugar" como

o espaço que se torna familiar e adquire significado de pertencimento. Dessa forma, as famílias levam consigo para os assentamentos suas culturas e costumes, que ao serem praticados contribuem para fortalecer o sentimento de pertencimento ao lugar.

As festas religiosas e gênero

Ao discutir as culturas populares representadas em festas, crenças, hábitos e tradições, deve-se considerar o seguinte: o conhecimento do patrimônio cultural brasileiro, destacando-se na gastronomia, nas danças folclóricas, nos ritos e rituais. Cada espaço possui um sentido de existência que o torna singular, definindo uma identidade e constituindo o sentimento de pertencimento. Assim,

Uma vez que as pessoas se instalam e se adaptam um pouco ao novo ambiente, é difícil conhecer suas atitudes ambientais, porque ao se tornarem nativos, perdem a ânsia de fazer com parâmetros e comentários sobre o novo lar. Poucas vezes aparecem oportunidades para expressar valores ambientais; os valores estão implícitos nas atividades econômicas das pessoas, comportamento e estilo de vida. (TUAN, 1974, p. 78).

Assim, essas práticas comunitárias ajudam a solidificar as referências de um grupo ou comunidade em uma região específica. Quando falamos das festas culturais no Brasil, aprendemos sobre saberes peculiares das comunidades que sobreviveram por meio de suas práticas, simbolizadas na comida, arte, música, dança, e outras manifestações culturais. Segundo Araújo (1977), nas festas populares há uma preocupação mágica em expressar gratidão à natureza ou suplicar para que entidades superiores ou divindades protejam as colheitas, realizando rituais para garantir a proteção e prosperidade agrícola.

Partindo desse pressuposto, as festas estão intrinsecamente ligadas à produção, simbologia e ao agradecimento às forças sobrenaturais, além de serem eventos marcados pela sociabilidade, solidariedade e religiosidade. Conforme Jurcevitz (2005), as festas populares são entendidas como manifestações culturais que revelam crenças e vivências demarcadas por um tempo e identidade coletiva específicos. Assim, as festividades religiosas podem fortalecer um espírito cansado pelas ansiedades diárias, permitindo aos indivíduos experienciar diversas emoções em um ambiente de encontro entre as populações rurais, como destacado por Oliveira et al. (2016, p. 329).

Além da convivência social, as festas religiosas representam uma manifestação cultural que mescla o sagrado e o profano. Enquanto celebram dias santos e arrecadam fundos para a igreja, incluem elementos como bebidas, música, danças, e uma abundância de comida, como enfatizado por Oliveira *et al.* (2016, p. 328), onde a festa é vista como um momento de alegria e reunião da cultura caipira. Normalmente, doações de prendas e prêmios são feitas por membros da própria comunidade rural e vizinhanças, refletindo uma ação coletiva e solidária em prol do bem comum, frequentemente para apoiar obras sociais da igreja.

Conforme Oliveira *et al.* (2016, p. 329), para a realização dessas festas, é essencial o engajamento tanto de homens quanto de mulheres, promovendo um trabalho colaborativo e comunitário ao longo da celebração. Apesar de os festejos religiosos rurais serem predominantemente masculinos, as mulheres estão presentes em todas as esferas, como descrito por Souza (2020, p. 47), participando desde a preparação de alimentos até os momentos de celebração comunitária.

No entanto, o papel das mulheres nos discursos e práticas religiosas, muitas vezes, não é reconhecido de forma adequada, devido à ênfase histórica das instituições religiosas na marginalização feminina e na negação de posições de poder, perpetuando discursos que naturalizam a inferioridade feminina, conforme apontado por Scavone (2008). Essa dinâmica reflete a dominação patriarcal que influencia a produção do sagrado em diversas sociedades.

Apesar da predominância feminina nas instituições religiosas, o acesso das mulheres ao sacerdócio e a posições de autoridade ainda é restrito na Igreja Católica e em muitas igrejas evangélicas, como lembra Scavone (2008), sublinhando que o feminismo propõe uma transformação nas relações de gênero em todas as esferas da vida social, pública e privada.

Por outro lado, é na religiosidade que as mulheres têm uma presença predominante, investindo significativamente nas práticas religiosas, rituais e transmissão de conhecimentos, desempenhando o papel fundamental de guardiãs da memória do grupo religioso, conforme destacado por Rosado-Nunes (2005). Dessa forma, cabe às mulheres a responsabilidade de transmitir as práticas religiosas às novas gerações, preservando assim a identidade cultural e espiritual de suas comunidades.

Resultados e discussões

A referida festa ocorreu em junho de 2022, com o objetivo de arrecadar fundos para a construção de uma sala na igreja "Menino Jesus de Braga", localizada no Assentamento Jatobá. Essa sala será destinada às aulas de catequese, além da construção de banheiros.

É importante destacar que também participaram da organização e da festa pessoas dos Assentamentos Corixo e Sapicuá. Esses eventos são momentos significativos de sociabilidade, como enfatizado por Oliveira *et al.* (2016, p. 331): "são momentos de união, confraternização e encontro de amigos na comunidade, sendo vistos como um dos principais espaços de sociabilidade da cultura rural tradicional, propiciando mutirões, rezas e festas". Isso é ainda mais relevante no contexto pandêmico, quando muitas pessoas se distanciaram para evitar o contágio da doença.

Segundo uma das entrevistadas, esta foi a segunda festa com esse propósito, sendo que a primeira ocorreu antes da pandemia de Covid-19. Ela relata que pretendem realizar mais festas religiosas nos próximos anos. Vale destacar também o comentário de outra entrevistada sobre a doação das prendas, que são feitas pelos próprios assentados.

Mesmo havendo fazendeiros próximos aos assentamentos, é entre os próprios assentados que existe esse sentimento de troca e solidariedade. D' abadia e Almeida, (2010), nos falam que as festas religiosas são eventos culturais de natureza religiosa que ocorrem em diversos continentes e períodos históricos da humanidade. Elas representam a expressão simbólica e cultural de grupos específicos de pessoas que seguem uma determinada crença religiosa e que organizam tais festividades dentro do contexto dessa fé.

Conforme os relatos, a festa mencionada ocorreu ao longo de dois dias, iniciando-se em um sábado com o leilão e baile, ao som de uma banda contratada da cidade de Cáceres-MT. Segundo uma das entrevistadas, a banda cobrou um valor mais baixo, levando em conta o objetivo beneficente da festa.

Como discutido anteriormente, a festa religiosa é vista como uma manifestação cultural onde coexistem o sagrado e o profano. Dessa maneira, o profano e o sagrado ocupam o mesmo lugar, como foi relatado, no domingo iniciou com uma missa em agradecimento ao Menino Jesus de Braga, o qual dá o nome à igreja do Assentamento Jatobá, a missa foi conduzida por um padre da cidade de Cáceres, logo após, teve o almoço, seguido do leilão e baile com a banda contratada. Ao longo do dia, foi servido churrasco com mandioca, e como bebida, refrigerante, cerveja e água, a festa durou até a noite.

De acordo com os relatos, as mulheres se fazem presente, em todo o processo da festa, e nesse caso, a principal organizadora da festa, é uma mulher, já que é a coordenadora da igreja do Assentamento Jatobá. Notou-se, que há uma divisão sexual do trabalho, através dos relatos, já que os homens saem para pedir as prendas, como bovinos (vacas e bois), suínos (porcos) e ovinos (carneiros e ovelhas), os homens ficam responsáveis por esse trabalho, por ser o mais “pesado”, como disse uma das entrevistadas. De acordo com Biroli (2018, p. 22), “falar de divisão sexual do trabalho é tocar no que vem sendo definido, historicamente, como trabalho de mulher, competência de mulher, lugar de mulher”.

Em vários pontos dos relatos, pôde-se observar a divisão sexual do trabalho, como o fato de que durante a realização da festa, os homens que têm voz e vez no microfone, seja na apresentação, como na hora de leiloar as prendas, enquanto isso, as mulheres ficam dentro das cozinhas, preparando as comidas, para Biroli (2018, p.22) “consequências dessas classificações. As hierarquias de gênero, classe e raça não são explicáveis sem que se leve em conta essa divisão, que produz, ao mesmo tempo, identidades, vantagens e desvantagens”.

Dessa forma, segundo uma das entrevistadas, a organizadora da festa e nenhuma das outras mulheres, podiam sair do seu posto, para fazer o trabalho “voltado aos homens”, que seria falar ao microfone ou fazer o “trabalho pesado”, por que a cozinha ficaria desfalcada, ou seja, a mulher pode realizar o trabalho “voltado ao homem”, mas o homem não pode realizar o trabalho “voltado à mulher”. Assim, nas falas de Biroli (2018, p. 31), “a divisão sexual do trabalho está ancorada na naturalização de relações de autoridade e subordinação”. Isso pode ser notado, quando a mulher fica sobrecarregada com as tarefas que lhes “são atribuídas” e são “atribuídas aos homens” .

Por outro lado, é importante ressaltar a fala de uma das entrevistadas, segundo ela, na hora do baile, algumas das mulheres que estavam na festa, para se divertir, “puxavam” as mulheres que estavam trabalhando na cozinha para dançar, mostrando de alguma forma, a relação de irmandade, união, afeto e amizade. Dessa forma, as mulheres estão na cozinha, no salão da festa e importante evidenciar, que foram elas, as responsáveis para fechar o caixa da festa, como relatado por uma das entrevistadas.

Assim, pôde-se observar através dos relatos, que são as mulheres, as responsáveis pelo acontecimento da festa, são elas que decoraram o ambiente da festa, cuidaram do financeiro e prepararam a comida, sem elas a festa não aconteceria, até porque, sem comida, não há festa.

Considerações Finais

A religião desempenha um papel significativo na formação da percepção e do pensamento dentro do contexto social. Conforme Saffiot (1978, p. 50), "na questão feminina, a posição da Igreja Católica reflete tanto uma doutrina religiosa que historicamente considera a mulher como um ser secundário e suspeito, quanto os interesses investidos na manutenção da ordem estabelecida nas sociedades de classes". Isso significa que, apesar das demonstrações claras de capacidade das mulheres em áreas como comércio, educação e política, a religião continua a confiná-las ao papel de cuidadoras do lar e dos filhos.

Essa associação da mulher ao trabalho doméstico, visto como uma atividade que reforça sua honra e recato, perpetua um modelo feminino que a reduz a uma trabalhadora doméstica não remunerada, responsável pelo bem-estar da família e pela sua prosperidade ou fracasso.

No contexto das festas religiosas, esses preceitos são evidentes, com a mulher frequentemente encarregada de preparar a comida e permanecer na cozinha, um papel tradicionalmente reservado às mulheres que as limita aos bastidores da celebração. Apesar de desempenharem um papel fundamental como principais organizadoras desses eventos, como é o caso da coordenadora da igreja que promove a festa, percebe-se que os homens são os mais destacados, falando ao microfone e sendo vistos e ouvidos durante a festividade.

Por outro lado, no que se refere às práticas culturais associadas às festas religiosas nos assentamentos rurais mencionados, nota-se a presença de espaços de sociabilidade significativos, como o engajamento na organização do evento e a solidariedade demonstrada pelos próprios assentados ao doarem prendas para o leilão. Mais importante ainda, apesar das limitações impostas pela instituição religiosa às mulheres, fica claro que a religiosidade promove o companheirismo e a união entre elas, proporcionando um espaço de interação e colaboração que vai além das restrições formais.

Portanto, sem a dedicação e o esforço dessas mulheres, a festa simplesmente não aconteceria, reafirmando a importância de reconhecer e valorizar suas contribuições. O envolvimento das mulheres nas várias áreas da festa, não só assegura o sucesso das celebrações, mas também fortalece os laços comunitários e promove um ambiente de colaboração e solidariedade.

Referências

BIANCO, Larissa Mazzucco; SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; ALVES, Ismael Gonçalves. **A Produção de Subjetividades Femininas no Jornal “O Lingote” (1953-1957)**. Cadernos Cajuína Revista Interdisciplinar, v. 7, n. 1, 2022. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/510>. Acesso em 18 jul. 2024.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo : Boitempo, 2018.

BRASIL. Empaer. **Pfa é finalista do prêmio realizado pelo ministério do meio a ambiente**. Mato Grosso, Empaer, 19 jun. 2018. Disponível em: <http://www.empaer.mt.gov.br/-/9964882-pfa-e-finalista-do-premio-realizado-pelo-ministerio-do-meio-ambiente>. Acesso em 22 jan. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Informações gerais sobre os assentamentos da Reforma Agrária**. INCRA, 2017. Disponível em: <https://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>. Acesso em 30 de junho de 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

BUTTIMER, A. Hogar, Campo de Movimiento y sentido del Lugar. In: **Teoria y Método en la Geografía Anglosajona**. Maria Dolores Garcia Ramón (org.), Barcelona, Ariel, 1985b. p. 227-241.

D’ABADIA, M. I. V; ALMEIDA, M. G. Festas religiosas e pós-modernidade. In: **Geonordeste**. Ano XX, n.2. 2010.

FERNANDES, Bernardo M. 27 anos do mst em luta pela terra. In: FERRANTE, Vera Lucia Ferreira Botta. WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. MDA, Brasília, 2008, p. 27-51.

GONSALVES, Elisa P. **Iniciação à pesquisa científica**. São Paulo: Alínea, 2001.

JURCEVITZ, V. I. **Festas religiosas: a materialidade da fé. História: Questões& Debate**. Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Editora UFPR.

MARTINS, Harisson Almeida. **Territorialização e Resistência Camponesa em Cáceres-MT: Potencialidades e Dilemas nos Assentamentos Rurais da Fronteira Brasil-Bolívia**. Dissertação (Geografia), Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de Campo: Contexto de observação, interação e descoberta. In DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

MEDEIROS, Leonilde S. Assentamentos rurais e gênero: temas de reflexão e pesquisa. In: LOPES,

Adriana L.; BUTTO, Andrea. (org.) **Mulheres na Reforma Agrária: A experiência Recente no Brasil**. Brasília: MDA/INCRA, 2008.

ROSADO-NUNES, Maria José. (org) Dossiê “Gênero e Religião”. **Estudos Feministas**. Florianópolis 13(2):363-436, maio-agosto/2005.

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma Questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, Fábio Ferreira; GARCIA, Maria Franco. A luta da mulher pela igualdade no campo: contradições e tensões no sistema capitalista. **Revista Interface**. Edição n. 10, dezembro de 2015 – p. 296-303. Disponível em:

<http://revista.uft.edu.br/index.php/interface/article/view/1894/8620>. Acesso em: 15 fev 2024.

SCAVONE, Lucila. **Religiões, Gênero e Feminismo**. Revista de Estudos da Religião, dezembro/2008, p. 1-8. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_scafone.pdf. Acesso em: 26 out. 2022.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In. BURKE, Peter (org). **A escrita da História**. São Paulo: Unesp. 1992. p. 63-95.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: **Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1989.

SOUZA, Valdelice; GONÇALVES, Josiane. Homens Responsáveis por Crianças em Ambito Familiar: **heroísmo ou responsabilidade?** Cadernos Cajuína Revista Interdisciplinar, v. 7, n. 1, 2022. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/567>. Acesso em 18 jul. 2024.

SOUZA, Poliana Macedo de. **Onde elas estão? As mulheres na organização da Festa do Divino de Natividade (TO)**. Rev. Sítio Novo. Palmas v. 4 n. 3 p. 40-51 jul./set. 2020.

OLIVEIRA, Fernando H. F. de. FERRANTE, Vera L. S. B. BARONE, Luís A. **As Práticas Religiosas e de Sociabilidade no Assentamento Tupanciretã em Presidente Venceslau – São Paulo. Retratos de Assentamentos**. Araraquara/SP: UNIARA, Nupedor (Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural), v. 19, n.2, 2016.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007, 184p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1997.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.**
São Paulo: DIFEL, 1974.